

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EDIO COSTA



**GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE
DOS LIVROS DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PROGRAMA NACIONAL
DO LIVRO DIDÁTICO**

BLUMENAU
2016

EDIO COSTA

**GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE
DOS LIVROS DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PROGRAMA NACIONAL
DO LIVRO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Hellmann

BLUMENAU
2016

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Édio Costa¹; Fernando Hellmann²

Professor na EEB Maria Konder Bornhausen, da 24ª Gerência Regional de Educação – GERED, na cidade de Massaranduba/SC. Especialista em Metadisciplinaridade em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar Democrática pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA. Graduado em Artes pela Universidade Regional de Blumenau – FURB/SC, e Geografia pelo Centro Educacional Leonardo da Vinci – UNIASSELVI/SC. E-mail: edioedicosta@gmail.com

² Naturólogo. Formação em Bioética Clínica e Social. Mestre em Saúde Pública. Doutor em Saúde Coletiva. E-mail: hellmann.fernando@gmail.com

Resumo: Os livros didáticos representam grande fonte de (in)formação utilizada em todo o País. Assim, os temas e conteúdos abordados nesses livros tornam-se alimentos para alunos na construção de identidades e subjetividades entorno da diversidade sexual e de gênero. Este artigo objetiva analisar de que modo a temática da diversidade sexual aparece nos livros didáticos de Ciências Humanas do Ensino Médio, adotados pelas Escolas Públicas brasileiras, distribuídos em 2015 pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação.

Palavras-chave: Diversidade Sexual, Gênero, Livro Didático.

Abstract: Textbooks represent a great source of (in) formation used all over the country. Thus, the themes and contents covered in these books become food for students in the construction of identities and subjectivities regarding sexual and gender diversity. This article aims to analyze how the issue of sexual diversity appears in textbooks of Human Sciences in High School, adopted by the Brazilian Public Schools, distributed in 2015 by the National Program of Textbooks of the Ministry of Education.

Keywords: Sexual Diversity, Gender, Textbook.

1 INTRODUÇÃO

A construção da masculinidade e feminilidade são oriundos e transmitidos pela cultura de uma sociedade em determinado tempo (FOUCAULT, 1999). Comumente, meninos e meninas constroem sua identidade imbuídos de papéis sociais heteronormativos, geralmente em oposição à diversidade LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Tais condutas sociais reforçam as questões de diferenças de gênero (FOUCAULT, 2002) presente na cultura e sociedade contemporânea, reforçada por instituições totalizante, tal como a escola. Estas questões criam embates entre os diferentes papéis de gênero, numa relação

de poder que se perpetua na sociedade como forma dominadora de uma em detrimento das outras, ou seja, o masculino sobre o feminino, a heteronormatividade sobre quaisquer outras formas distintas da heterossexualidade.

De acordo com Scott (1991, p 22), historiadora inglesa, “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Assim, ao analisar as questões de gêneros passa-se a entender que não é uma mera questão de diferenças biológicas, mas que vão além das relações impostas e construídas pela sociedade de tempos em tempos. Logo, sexo é anatomia, gênero é cultural e social. Louro (1992, p. 57), ajuda a compreender melhor o conceito:

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

Nessa mesma linha de pensamento, Matos (1997, p. 97) afirma que a:

[...] categoria gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem, social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.

Ademais, as relações de gêneros são determinadas pelo repertório social, político, econômico e cultural. Sexo é determinado pela natureza, biologia, anatomia dos corpos. O gênero é historicamente construído e reproduzido conforme interesses das classes dominantes e da heteronormatividade em uma sociedade patriarcal.

Neste sentido, a escola deveria ser um local democrático, onde diversas tribos comungam do mesmo espaço. Porém, ao mesmo tempo em que o ambiente escolar pode parecer um local democrático e socializador de questões importantes e

pertinentes do mundo contemporâneo, ela é permeada pelo poder disciplinador, algumas vezes reproduzidor da heteronormatividade (BRASÍLIA, 2009; FURLANI, 2007; FOUCAULT, 1999).

A escola atual tende a estar a serviço da heteronormatividade, a qual advoga pela heterossexualidade como a única orientação sexual tida como natural, “normal” e aceitável, o que acaba por reproduzir e manter uma sociedade sexista, machista, homofóbica e preconceituosa (BENTO, 2006). Como lembra Louro (2000, p.27) “a produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia”. Essa ordenação na escola tende a discriminar qualquer outra forma de orientação sexual ou comportamento, mantendo a dominação heteronormativa na sociedade, a qual permanece reforçada pelo silêncio e segregação daqueles tidos como desviantes.

Diante das relações de poder existentes na sociedade, determinados grupos emergem como forma de resistência, incluindo ao poder heteronormativo. Movimentos como Feministas, LGBTT, Negro, entre outros, são protagonistas por ações que procuram estabelecer direitos iguais entre as pessoas. Tais lutas têm conquistado um lugar ao sol nas últimas décadas àqueles tidos, até então, como “desviantes”. Prova disto é materialização dos debates propostos pelos referidos grupos, os quais culminaram para que as diretrizes educacionais fossem revistas. Deste modo, novas diretrizes estão sendo criadas para contemplar ações educacionais que respeitem e valorizem a diversidade, seja ela de gênero, étnico-racial e de orientação sexual (BRASIL, 2013).

De acordo com Facco (2009, p. 50), a diversidade sexual:

[...] ultrapassa a discussão sobre sexualidade. Trata-se, antes, da discussão sobre as várias possibilidades de relacionamentos afetivo-amorosos. A partir dessa lógica, toma-se possível repensar o binarismo de gênero (masculino-feminino), questionando-o enquanto construção social humana, altamente marcada pela presença heterossexual, incluindo a possibilidade de uma sexualidade alternativa, no caso, a(s) homossexualidade(s).

Assim percebemos que a luta dos movimentos e dos sujeitos homossexuais e feministas vêm rompendo com paradigmas e pressupostos, desconstruindo socioculturalmente a moralidade excludente através de suas historicidades e suas lutas em busca de direitos e reconhecimentos.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a temática da diversidade sexual aparece nos livros didáticos de ciências humanas do ensino médio, adotados pelas escolas públicas brasileiras, distribuídos em 2015 pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação.

2 METODOLOGIA

Empregou-se a metodologia de investigação de abordagem qualitativa, classificando-se em descritiva segundo seus fins e documental, segundo os meios. Para este estudo foram analisados os livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático e distribuídos pelo Ministério da Educação e Cultura (PNDL/MEC) em 2015 às escolas públicas de Ensino Médio. Os critérios para inclusão dos livros foram: terem sido aprovados pelo PNDL/MEC; serem livros didáticos destinados aos educandos do Ensino Médio no ano de 2015; estarem sendo utilizados em sala de aula no mesmo ano; serem da área das Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia). Os livros didáticos foram requeridos junto à coordenação pedagógica da Escola Estadual Básica Maria Konder Bornhausen, localizado em Massaranduba (SC), no segundo semestre de 2015. Para melhor compreensão os livros/coleções da área das humanas estão organizados em: Filosofia e Sociologia – volume único; História e Geografia – 3 fascículos, ou seja, um para cada ano do Ensino Médio, totalizando 8 livros didáticos para análise.

Para a análise dos livros didáticos utilizou-se o método de Análise de Conteúdo conforme Bardin (2009). A análise foi realizada mediante categorização pré-estabelecida, organizada em: Unidade de registro (tema), que poderia ser de Gênero ou relacionado a Diversidade sexual; Unidade de contexto, local onde se fez o registro do trecho/escrita do autor; Livro, preenchido com os dados técnicos como nome do livro e página e; por último Comentário, local onde o pesquisador fez suas considerações para futuras análises.

Para tanto, foi construído um quadro para facilitar a categorização, conforme abaixo:

Esquema para tratamento dos dados e interpretação			
Unidade de registro (tema)	Unidade de contexto	Livro	Comentário

Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

Com esta etapa concluída, iniciou-se a última etapa da análise, com o tratamento dos dados obtidos e a reflexão/interpretação dos mesmos. Estes foram tratados de maneira a serem significativos e válidos, permitindo a inferência mediante os indicadores.

3 [DE]FORMAR PARA O GÊNERO E DIVERSIDADE: UMA CONSTANTE INCONSTÂNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Todas as coleções analisadas proficuamente apresentaram em algum momento o tema Diversidade e o de Gênero. Algumas coleções aprofundaram os temas e outras se utilizaram de forma meramente ilustrativa sem desenvolver ou construir nenhuma criticidade ou saberes sobre o tema específico.

Ao analisar os temas e conteúdos abordados nos livros didáticos, deve-se estar atento ao fato de que estes transmitem pensamentos, ideias, condutas velada ou não para uma sociedade que se quer e que se almeja. Neste sentido, estes conteúdos se tornam artefatos de uma práxis pedagógica, propostas curriculares, identidade e subjetividade para um sujeito que está em construção.

Assim a escola tem a possibilidade de construir uma proposta curricular que vá ao encontro com sua visão de ensino e missão enquanto instituição formadora de sujeitos. Logo, a escola ao consumir as narrativas, imagens e conhecimentos dos livros didáticos está fornecendo experiências e novas trocas para a apropriação do conhecimento.

O âmbito escolar, por ser um ambiente de encontros com outras realidades, fornece às crianças que o frequentam inúmeras oportunidades para a descoberta do novo, para a troca de experiências, para a interação com outros mundos e outras culturas e a apropriação do conhecimento. [...] (SOUZA e LAMAR (orgs), 2006, p. 84).

Os livros didáticos há muito utilizados nas redes de ensino do país, fazem parte das políticas educacionais onde são estabelecidas relações de poder entre classes, entre culturas e da própria manutenção cômoda para a elite dominante.

Assim, faz-se a análise do livro didático, com base em suas narrativas, em seus saberes, sua proposta e práxis educativas que compõem a proposta curricular, que está repleta de intenção, de ação para um de vir de um sujeito que se mostra inconcluso e cheio de contradições. Para Bourdieu e Chartier (1996, p. 248), “[...] um livro não chega jamais a um leitor sem marcas. Ele é marcado em relação ao sistema de classificações implícitos [...], quando chega a uma leitor, está predisposto a receber suas marcas históricas.”

Não obstante, o livro didático nos últimos anos vem sendo fonte de pesquisa e de análises de diversos estudiosos com o intuito de averiguar o currículo e os temas e saberes que estão e como vem sendo apresentados para os nossos educandos em todo o país.

Assim, não que as demais áreas do conhecimento devem ficar alheias à abordagem do tema Diversidade Sexual e Gênero, mas de certa forma, a área das humanas têm uma função e maior possibilidade de desenvolver de forma profícua todos os vieses que permeiam as questões de Gênero e de Diversidade Sexual, suas lutas e contribuições ao longo da história da humanidade.

No livro de Filosofia¹ o tema sobre diversidade aparece duas vezes. A primeira menção é sutil e quase que imperceptível. Pode-se observar que para a construção do conceito de igualdades de direitos a partir da Revolução Francesa, o autor não faz nenhuma distinção, porém o comentário é excludente e deficitário, bem como reforça o dualismo e antagonismos entre as parte citadas. Deixando a critério do educador (a) tratar ou não essas questões.

Logo, se o educador (a) não possuir uma boa formação, e não tiver criticidade sobre o que ensina, o processo de ensino e de aprendizagem, bem como a formação dos sujeitos, correm o risco de ser precários e sem uma compreensão atual de mundo. O educador (a) antes de ser um mero reproduzidor, instrutor ou simples imitador na educação, deve pensar num processo de ensino e de aprendizagem a partir de uma “atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” (DEMO,

¹ COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos da Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. Único

2006, p. 16). Assim, conforme o autor, que aponta para um repensar de uma nova postura do profissional da educação, que construa o conhecimento a partir da pesquisa e da investigação, que veja o livro didático como um norte e mais uma ferramenta para a construção do conhecimento e não como uma verdade absoluta que deve ser seguido de início ao fim. O educador

Em vez de ser apenas intérprete externo do livro didático, deveria ser ele o próprio livro didático, se fosse capaz de tornar-se criador da didática. Isso não dispensa o livro didático. Trata-se de conseguir convivência produtiva com ele, entendendo-se aí pesquisa, sobretudo como diálogo com a realidade, recriado sempre pelo professor, com apoio do livro didático, que passa a ser referência relevante, nem mais, nem menos. (DEMO, 2006, p. 85-86).

Sendo assim, buscar uma educação e um processo de ensino e de aprendizagem pautado na criticidade, na investigação ultrapassa qualquer mera reprodução de conhecimento, deixa de lado uma educação bancária como dizia o saudoso Paulo Freire, e do instrucionismo em prol de uma educação emancipatória baseada nos direitos humanos na igualdade de direitos.

A segunda menção traz uma fotografia da Parada do Orgulho GLBT (2012) em um contexto que discute a evolução da moral na sociedade. A fotografia tem a seguinte legenda:

Um exemplo das transformações da moralidade é a Parada do Orgulho GLBT (2012), em São Paulo, com a participação de cerca de três milhões de pessoas na sua 16ª edição e o apoio de diversas organizações da sociedade civil e autoridades. Décadas atrás um evento como esse seria impensável. (COTRIM, 2013, p. 330)

Na coleção de História² o autor cita e debate sobre diversidade uma única vez no livro didático do 1º ano do Ensino Médio, e também uma única vez no livro do 3º ano do Ensino Médio. O autor também menciona três vezes as questões de gênero no livro didático do 3º ano do Ensino Médio.

² BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2013. A coleção de História está distribuída em três livros, sendo um para cada ano do Ensino Médio.

Observa-se que o livro didático de História do 2º ano do Ensino Médio, não cita e tampouco traz alguma discussão ou reflexão sobre as questões de gênero e diversidade. Em contrapartida temos um arcabouço de leis, diretrizes e documentos que norteiam as políticas públicas educacionais, buscando e propondo uma universalização da qualidade político-pedagógica da educação.

Dessa forma, as práxis pedagógicas das unidades de ensino devem estar em consonância ao projeto de sociedade implícito neste dado momento do processo histórico que se vive, ou seja, ao ideal de sociedade que se almeja e que se quer construir e formar. E para isto as Diretrizes Curriculares Educacionais reforçam a centralidade nos sujeitos na organização político-pedagógica das unidades de ensino com o “objetivo de construir uma sociedade justa, onde oportunidades [educativas] sejam iguais para todos” (BRASIL, 2011, p.16), respeitando suas peculiaridades e diferenças, democratizando o ensino e o conhecimento.

Essa lacuna presente nas coleções e nos livros didáticos necessita de maior atenção da equipe responsáveis do MEC pela seleção dos livros didáticos que serão aprovados posteriormente pelos educadores de todo o país. As coleções, como mencionado, precisam estar em consonância com as políticas públicas educacionais, para a construção de uma sociedade pautada na igualdade e diversidade.

As questões de diversidades aparecem no livro de História do primeiro ano (p. 192-193) e no livro do terceiro ano (p. 150). Ambas às vezes, trata-se de abertura de capítulo/tema do livro didático como forma de iniciar os debates e incentivar a construção do conhecimento.



Fonte: BOULOS (2013, p. 192-193. Vol. 1)

Como se pode observar é abordado somente questões religiosas e em nenhum momento o autor aponta para outras diferenças presentes na sociedade. Por ser uma coleção de História poderia abordar a luta dos movimentos e sua contribuição para a formação dos fatos e das mudanças da própria sociedade e da história da humanidade. No livro do terceiro ano o autor cita alguns movimentos estudantis, afro e indígenas, exclui totalmente os movimentos feministas e LGBT. Se forem problematizados as imagens, linguagens, discursos e estratégias dos livros didáticos dentro de um processo de construção de identidade, pode – se entender que a “[...] linguagem e o discurso como instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente.” (RAGO, 2013, p. 30).

Não obstante,

O envelhecimento do conteúdo e a evolução de paradigmas na criação de saberes implica a seleção de elementos dessas áreas relativos à estrutura do saber, nos métodos de investigação, nas técnicas de trabalho, para continuar aprendendo e em diferentes linguagens. O conteúdo relevante de uma matéria é composto dos aspectos mais estáveis da mesma e daquelas capacidades necessárias para continuar tendo acesso e renovar o conhecimento adquirido (SACRISTÁN, 2000, p. 152-153).

Entrementes, o conhecimento de uma disciplina escolar é histórico, mutável, vivo, e não estanque e cristalizado. Assim, o educador(a) tem a possibilidade de reconhecer nesses conteúdos, que compõem o currículo, os mais estáveis e que atualizem e incorporem os conteúdos provenientes dos movimentos das relações sociais, estes que geram conhecimento e trazem para o debate questões atuais, sejam elas de cunho religioso, étnico, cultural, de gênero ou de diversidade sexual, questões estas políticas que são problematizados na contemporaneidade por disputas entre as relações estratificadas em busca pelo poder.

Em contrapartida o autor traz reflexões satisfatórias nas questões de gêneros e a contribuição da mulher ao longo da história. “A mulher na guerra [...] os homens levaram as mulheres, até então dedicadas às tarefas domésticas, a trabalharem nas indústrias.” BOULOS (2013, p. 32. Vol. 3)

Luta das mulheres: Nas últimas décadas as mulheres alcançaram posições de destaques nas empresas, na política, nas forças armadas, nos esportes, nas comunicações e na Justiça; apesar disso, elas continuam sendo vítimas de discriminação, violência e praticas machistas no mundo todo. BOULOS (2013, p. 224. Vol. 3)

Apesar de ser um pequeno recorte, mas como ilustração de que como debate crítico/político, possibilita ao educador abordar a luta da mulher e de seus reais interesses, de seu valor como pessoa humana. Ainda há um apontamento como nota ao educador para ver um documentário sobre a tecnologia e a mulher na Primeira Guerra Mundial. A segunda citação retirada de uma leitura complementar, aponta para os direitos conquistados pelas mulheres ao longo do século XX. Trazendo nomes importantes, tais como o de Simone de Beauvoir e o de Betty Friedan.

Nessa perspectiva e das próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), estes temas, Diversidade Sexual e Gênero, podem ser abordados por todas as disciplinas, principalmente, pelas disciplinas afins, de forma elaborada e contextualizada, articulando com os objetivos de estudo das própria disciplina sob a luz de seus referenciais metodológicos e teóricos.

No livro do segundo ano de Geografia³ a autora traz duas questões em debate sobre gênero (O papel das mulheres nas diferentes sociedades, e, Arábia Saudita concede direito ao voto feminino). Dos três livros que compõem a coleção de Geografia, em apenas dois momentos no mesmo livro destinado ao segundo ano do Ensino Médio, um na página 144 e o outro na página 147. Os temas são abordados no capítulo do livro sobre Dinâmica das Populações na qual a autora trata sobre a questão de gênero e em nenhum momento aparecem questões sobre a diversidade sexual ou suas contribuições para a sociedade e construção do espaço.

Desta forma, a construção de conhecimento sobre os movimentos LGBTs ou das mulheres em busca de direitos e igualdade na disciplina de Geografia é praticamente nulo.

Para a construção de conceitos e valores a cerca do gênero e da diversidade sexual presentes na sociedade, e que o ensino possa ser contextualizado acerca da Diversidade Sexual e do Gênero, a coleção de Geografia aborda de maneira insuficiente os temas sobre Diversidade Sexual e Gênero e suas contribuições para

³ SILVA, Ângela Corrêa da. **Geografia**: contextos e redes. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2013, 2º ano.

a formação do espaço geográfico e/ou nas questões que envolvem a Geografia Humana e a Geografia Econômica. Para Ramos (2004, p.02),

O processo de ensino-aprendizagem contextualizado é um importante meio de estimular a curiosidade e fortalecer a confiança do aluno. Por outro lado, sua importância está condicionada à possibilidade de [...] ter consciência sobre seus modelos de explicação e compreensão da realidade, reconhecê-los como equivocados ou limitados a determinados contextos, enfrentar o questionamento, colocá-los em cheque num processo de desconstrução de conceitos e reconstrução/apropriação de outros.

Para a construção de conhecimento de forma contextualizada, levam-se em conta os saberes iniciais dos educandos e de seus educadores, advindas de suas experiências de vidas, de suas vivências. Essas experiências junto com os valores de cada sujeito sistematizados e reelaborados com os conceitos de cada disciplina podem contribuir para a formação e desenvolvimento da criticidade sobre a sociedade e o tempo que se vive. Sabe-se que de certa forma a sociedade se apresenta com formas e uma estrutura cultural, política, econômica, de valores permanentes ao longo da história. Que vão sendo reelaborados ao longo da própria história. Assim uma abordagem contextualizada de certos temas em sala de aula tem como possibilidade e finalidade abordar o comportamento da sociedade e de seus indivíduos conforme um status já estabelecido, ou seja, pré-existente. Logo cabe à educação e às disciplinas envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem dar suporte para que os sujeitos possam se adaptar a essas estruturas, ou sustentar que eles sejam passíveis de mudanças.

O último livro das áreas das humanas a ser analisado foi o de Sociologia⁴, volume único, elaborado por 19 autores e autoras de diversas áreas: filosofia, política, artes, ciências sociais, planejamento urbano, sociologia e direito. O que possibilitou uma ampla discussão das questões sociais ao longo da história contrapondo com as questões pertinentes em nossa sociedade atual. Os autores e autoras dedicam no livro didático de Sociologia um capítulo inteiro dedicado às questões de Gênero e Diversidade sexual. Que aborda, de forma significativa e crítica, a construção do conhecimento acerca do tema e seus desdobramentos, com textos críticos, cronologia e evolução dos movimentos. Aborda a posição da mulher

⁴ SILVA, Afrânio, et al. **Sociologia em Movimento**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2013, Vol. Único

na sociedade, estrutura familiar, escritoras e filósofos/sociólogos do tema, a questão religiosa, orientação sexual e a luta por direitos e cidadania que envolvem os Grupos LGBTs.

Não obstante, abordaram 5 vezes as questões de Gênero e 8 vezes as questões de Diversidade Sexual ao longo do livro didático de Sociologia, para além do capítulo dedicado exclusivamente já mencionado anteriormente.

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e dos Temas Transversais a instituição escola e suas disciplinas ganharam um campo de debate sobre determinados temas que não cabe somente a uma única disciplina, mas que de certa forma, necessitam de mais saberes para que estes temas possam ser desenvolvidos de forma proficiente no ambiente escolar. Assim, “por essas questões tratarem de questões sociais, os temas transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma área, isoladamente, seja suficiente para abordá-los” (BRASIL, 1997 p.36). e que pode ser evidenciado nos desdobramentos e enfoques que os autores do livro didático de Sociologia propuseram. A partir dos discursos, das proposições e as subjetivações presentes no livro didático é possível gerar momentos ricos em sala de aula que exercite a reflexão e completude de certos temas que nos é herdado ao longo da história.

[...] a identidade é produzida pelos próprios gestos que entendem libertá-la. E esses gestos múltiplos, diferenciados, heterogêneos só podem se desdobrar em configurações sociais, culturais e discursivas, de que são dependentes e que lhes moldam os contornos. [...] ‘subjetivação’ individual e coletiva produzidos pela literatura só puderam se cumprir e se prolongar sendo moldados por contextos culturais dos quais deviam retomar certos esquemas fundamentais no momento mesmo em que entediavam contestar a força de opressão das categorias do discurso dominante. São essas ‘experiências’, histórica, cultural e socialmente situadas, esses conflitos abertos, esses jogos entre o poder e a resistência que ele inevitavelmente faz nascer, que produziram ‘sujeitos’ e as subjetividades homossexuais, e são esses ‘sujeitos’ e essas subjetividades que abriram a história de que somos os herdeiros (ERIBON, 2008, p.185).

Como nota-se ao abordar determinados discursos construídos e perpetuados na e pela sociedade dentro do ambiente escolar, é que torna-se possível a reflexão sobre essas lutas e entraves que estão presentes na sociedade e que certamente necessitam de abertura para o diálogo e a desconstrução de determinados

pressupostos e conceitos ultrapassados para a sociedade atual. E a escola tem a possibilidade desse papel e função. Abordando de forma crítica e reflexiva através de um currículo “queer” condizente com as novas diretrizes e propostas curriculares do MEC.

Queer, que pode ser traduzido, inicialmente, por estranho ou esquisito, é também a forma pejorativa de se referir a um sujeito não-heterossexual; seria o equivalente, em português, a “viado”, “bicha”, “sapatão”. Essa expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, serviu para marcar uma posição marginalizada e execrada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns ativistas assumiram o queer, orgulhosa e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar. Talvez fosse melhor dizer buscando uma disposição, um jeito de estar e de ser. Mais do que uma nova posição de sujeito ou um lugar social estabelecido, queer indica um movimento, uma inclinação. Supõe a não-acomodação, admite a ambiguidade, o trânsito, o estar-entre. Portanto, mais do que uma identidade, queer sinaliza uma disposição ou um modo de ser e de viver. (LOURO, 2009, p. 33)

Mesmo que professores(as), diretores(as), orientadores(as) estejam temerários em abordar estas discussões em relação ao currículo e a importância de desenvolver uma reflexão um diálogo sobre gênero, diversidade e sexualidade na escola, chega o momento de falar abertamente sobre essas temáticas possibilitando a construção de identidades dos sujeitos e de conceitos que vão ao encontro dos direitos humanos e que respeitem a dignidade humana.

Um bom momento que o livro de Sociologia traz para o debate é uma leitura de um texto sobre preconceito dentro de uma unidade intitulada: Raça, etnia e multiculturalismo, e afirma:

Quando um humorista cria um personagem fictício que reproduz um preconceito contra negros, mulheres, homossexuais, muitas vezes a sociedade e grupos envolvidos aceitam e se divertem com a caracterização preconceituosa e torna-se aceitável que tais grupos sejam ridicularizados. Nesse contexto, o caráter humorístico do personagem pode disfarçar o preconceito e dificultar sua percepção. (SILVA, 2013, p. 107).

Em contrapartida ao que está e se faz presente na sociedade torna-se material de pesquisa e de debate dentro do ambiente escolar. Trazer para a sala de

aula ou não determinadas discussões pode ou não ser perigoso. Pode-se cair na mera reprodução de conceitos preconceituosos, ou simplesmente ignorar a luta e a história da própria humanidade sobre determinados temas.

“professoras e professores tornam-se referenciais da discussão sobre sexualidade na escola, pois podem optar por: não discutir, abstendo-se do 'problema' (que não deixará de existir); discutir superficialmente, restringindo o debate sobre sexualidade à prevenção à gravidez na adolescência e à infecção pelo HIV/AIDS - não proporcionando um debate efetivo às/aos estudantes - ; ou, ainda problematizar de forma mais crítica a discussão da sexualidade para além da prevenção e promoção da saúde, considerando a intencionalidade das relações de poder existentes na produção dos saberes.” (SANTOS e ARAÚJO, 2009).

Esse e outros conceitos e pressupostos fundamentam e problematizam as práticas pedagógicas dentro da escola e todo arcabouço ideológicos metodológicos por detrás das disciplinas escolares. Contudo, contribuir com reflexões, questionamentos e problematização de forma como propositora de debates sobre Gênero, Sexualidade e suas relações com a intenção de um diálogo mais acolhedor e respeitoso com a diversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos livros didáticos da área das Ciências Humanas do PNLD - 2015 para o Ensino Médio do MEC, adotada pela 24ª Gerência Regional de Desenvolvimento – Jaraguá do Sul – SC, observou-se o quanto o discurso heteronormativo ainda é forte e imbuído das relações de poder entre áreas do saber, entre gêneros, etnias, entre as relações sociais e culturais e, na diversidade sexual.

O discurso presente nos livros didáticos reafirma um modelo de sociedade que se quer, ou que no momento histórico, se quer perpetuar. Seja esse discurso presente nas representações imagéticas, atividades, leituras complementares, indicações de filmes, textos e tantos outros recursos presentes nos livros didáticos que transmitam uma ideia, um conceito e uma representação social, que pelo observado e analisado ainda está muito pautado em um conceito eurocêntrico de homem branco e hetero.

Outra questão analisada é o endereçamento dos temas Diversidade Sexual e Gênero destinados às séries/anos do Ensino Médio conforme podem ser observados nos quadros abaixo:

Endereçamento dos temas nas coleções de volume único		
Categorias	Sociologia	Filosofia
Gênero	05	00
Diversidade sexual	08	02

Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

Endereçamento dos temas nas coleções onde os livros são por Anos						
Categorias	História			Geografia		
	1º ano	2º ano	3º ano	1º ano	2º ano	3º ano
Gênero	--	--	03	--	02	--
Diversidade sexual	--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

Onde se verifica que no livro de Sociologia o tema Gênero aparece 05 vezes e Diversidade Sexual 08, lembrando, como já mencionado, o livro tem ainda um capítulo inteiro destinado a esse tema. Enquanto o livro de Filosofia trata sobre diversidade apenas 02 vezes durante o volume todo, sendo insuficiente a contribuição das reflexões para a formação de conceitos e valores dos educandos do Ensino Médio.

As Coleções de História e Geografia apresentam um livro didático para cada ano/série do Ensino Médio. Na coleção de História o tema Diversidade é sugerido duas vezes, uma no 1º ano e outra no 3º ano do Ensino Médio, nos dois momentos não é abordado as Diversidades Sexuais. No 2º ano o autor não aborda as questões de Gêneros e Diversidade Sexual. A questão de Gênero é abordada pelo autor 03 vezes no livro de História no 3º ano do Ensino Médio. Na coleção de Geografia o autor trabalha somente 02 vezes com a reflexão sobre Gênero no 2º ano do Ensino Médio.

Desta forma, pode-se observar uma grande lacuna a ser preenchida com temas/conceitos/conteúdos referentes à Diversidade Sexual e de Gênero nas séries/anos do Ensino Médio. Pode-se fazer uma ressalva neste momento que os

educandos nesta faixa etária passam por um processo de descobertas de sua sexualidade, por momentos de auto aceitação e de rejeição da micro sociedade que é a escola e da própria sociedade da qual faz parte.

Sendo assim, ao desenvolverem debates e reflexões acerca dos temas presentes nos livros didáticos, estes podem ser experiências significativas não somente para o educando que se percebe diferente dos padrões rígidos e preestabelecidos pela sociedade, mas para aquele educando que pode aprender a amar e respeitar as diferenças existentes.

Analisa-se que das coleções dos livros didáticos da área das Ciências Humanas, a Coleção de Sociologia foi a que melhor trouxe o debate e suas contribuições sobre Gênero e Diversidade Sexual, as demais disciplinas ainda têm um longo caminho para se adequarem frente à nova realidade e para serem condizentes com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Contudo, as representações que atuam na construção da subjetividade dos sujeitos sobre os temas que podem aparecer ou não nos livros didáticos, carregam e afirmam os significados que desejamos comunicar.

Quando se reforça um discurso heteronormativo e étnico, isso se constitui em um imaginário representativo e social da subjetividade sobre gênero e diversidade sexual. A abordagem preconceituosa sobre Gênero e Diversidade Sexual é tão perigosa para a construção da representação social de homens e mulheres, hetero e homossexuais quanto a falta desses temas nos livros didáticos.

Os dados não oficiais de mortes e violências praticadas contra os homossexuais no Brasil são alarmantes. Esses dados colocam o Brasil como sendo um dos piores lugares para um homossexual viver. E mesmo com esses dados e várias pesquisas e estudos sobre a violência contra Gênero e Diversidade Sexual, se reafirmam com os discursos heteronormativos, sendo considerados por alguns, mais necessários ou úteis por meras relações políticas, econômicas, editoriais, crenças, religiões e governamentais.

Precisa-se atentar para quais conteúdos e materiais são utilizados e como são utilizados nas salas de aulas, que ideologia está sendo empregada, que é linguagem utilizada para que discursos errôneos não sejam disseminados sobre os sujeitos e seus corpos. Pode-se construir mecanismos e meios para melhor escolha do livro didático, editoras e escritores, pois se determinado discurso estiver disponível a sujeitos maus intencionados o preconceito pode ser reproduzido.

Esta pesquisa não tem o intuito de mostrar e apontar ideologias escondidas nos livros didáticos sobre Gênero e Diversidade Sexual nos livros didáticos da área de humanas do Ensino Médio, mas de discutir como a falta ou a forma que estes estão representados nos livros podem ter efeitos sobre os sujeitos e a construção de identidades e saberes. Estes saberes construídos na e pela escola podem ser desafiados em prol de demonstrar que os discursos, as subjetividades e identidades construídas sobre Gênero e Diversidade Sexual não são estanques, mas que são um processo histórico das relações presentes na própria sociedade.

Como docente das áreas das humanas percebe-se que o livro didático aos poucos está mudando, e que se pode manter a continuidade deste processo através de escolhas profícuas dos livros didáticos aprovados pelo PNLD do MEC. Discutir e analisar estas questões, perpassam pelo processo de orientação e avaliação dos recursos e métodos da escolha do próprio livro didático. Porém, isto ainda não será suficiente para garantir uma educação democrática e de qualidade para nossos educandos. De que adianta um excelente material didático se ainda podemos encontrar educadores(as) despreparados e sem formação adequada para os desafios e os objetivos educacionais que a realidade exige? Se a educação atual exige que o educador(a) pense na construção do conhecimento para a formação integral dos sujeitos, precisa-se reconhecer que não só o educando(a) são transformadores da realidade, mas os educadores(as) necessitam assumir este papel também frente a nova realidade. Os Educadores(as) foram preparados para a escolha do livro didático, sabendo que este pode ser um importante caminho para a melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente da sociedade?

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Actualizada. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2013, 1º ano.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n. 05 de 04/05/2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais. Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O que é Orientação Sexual?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos da Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. Único

DEMO, Pedro. **Pesquisa, princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. RJ: Companhia de Freud, 2008.

FARIA, Nalu. “Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista”. In: **Sexualidade e Gênero** – Cadernos Sempre Viva. FARIA, Nalu (Org.). São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro – RJ. Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2007

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Rio de Janeiro: 8ª ed. Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

LOURO, Guacira Lopes. **Pensar a sexualidade na contemporaneidade**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED/PR, 2009.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Outras histórias**: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.) et alli. **Gênero em Debate**: trajetória e perspectiva da historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. p. 83-114.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

RAMOS, M. N. **A contextualização no currículo de ensino médio**: a necessidade da crítica na construção do saber científico. Mimeo, 2004

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Trad. Ernani F. da F. Rosa, Potro Alegre: ArtMed, 2000.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAUJO, Débora Cristina de. “Sexualidades e gêneros: questões introdutórias”. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED/PR, 2009.

SILVA, Ângela Corrêa da. **Geografia**: contextos e redes. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2013, 2º ano.

SILVA, Afrânio, et al. **Sociologia em Movimento**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2013, Vol. Único

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99

SOUZA, Osmar de. LAMAR, Adolfo Ramos (org). **Educação em perspectiva**: interfaces para a interlocução. Florianópolis: Insular, 2006.